

## A relevância da mídia radiofônica para uma localidade<sup>1</sup>

Nayane Cristina Rodrigues de BRITO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### RESUMO

O atlas da notícia constatou a ausência de jornalismo na vida de 30 milhões de brasileiros, entre os dados também se verificou a predominância de veículos radiofônicos em funcionamento nos municípios brasileiros, são 32,1% do total mapeado. Logo, o rádio ainda se constitui como um dos meios mais populares, de maior alcance de público e abrangência geográfica, além de permanecer como um dos mais apropriados à produção e emissão de informação jornalística. Aspectos que tornam a mídia sonora ainda mais relevante para as comunidades em que está inserida. Este texto, amparado em pesquisa bibliográfica, busca refletir teoricamente sobre a relevância do rádio local no combate a desinformação, colaboração no desenvolvimento local e pluralidade de participação nos meios de comunicação.

**Palavras-chave:** mídia local; rádio local; localidades; radiojornalismo.

### 1. CONTRIBUIÇÕES DA MÍDIA LOCAL

O mapeamento da imprensa regional e local no Brasil realizado pelo projeto Atlas da Notícia, de 2018, revela dados preocupantes quanto a ausência de jornalismo na vida de 30 milhões de brasileiros, valor correspondente a 15% da população nacional, em 51% dos municípios. Pessoas que vivem em localidades sem a atuação de jornais impressos, sites noticiosos, emissoras de TV e rádios. O levantamento destaca o fechamento de diversos veículos de comunicação, principalmente de jornais impressos, e ainda as localidades classificadas como “quase desertos” pela existência de um ou dois veículos com programação jornalística. Uma realidade que pode aumentar o deserto de notícias<sup>3</sup>.

A análise dos dados indica ainda a discrepância entre o Norte e Sul do país quanto a cobertura jornalística local, 70% dos municípios situados no Norte e Nordeste

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 4 – GP Rádio e Mídia Sonora do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina

<sup>2</sup> Doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Membro do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) e Grupo de Pesquisa, Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP). E-mail: [nayanebritojornalista@gmail.com](mailto:nayanebritojornalista@gmail.com).

<sup>3</sup> Dados da segunda edição do Atlas da notícia. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/atlas-da-noticia-2-0/30-dos-municipios-brasileiros-correm-o-risco-de- virar-desertos-de-noticias/>. Acesso em: 21 jan. 2019.

estão carentes de um meio de comunicação instalado na cidade. Na região Sul do país o valor é inferior e corresponde a 38%. No interior predomina a atuação dos impressos e das emissoras de rádio.

Quanto ao total de veículos mapeados, sobressai o funcionamento de emissoras radiofônicas, são 32,1%. Esses índices perpassam, sobretudo, por questões da formação histórica do país e dilemas socioeconômicos que certamente refletem na falta da produção radiojornalística local.

A partir dessas questões, busca-se refletir teoricamente sobre a relevância do rádio local no combate a desinformação, colaboração no desenvolvimento local e pluralidade de participação nos meios de comunicação. Para além de definições do que é uma mídia local, regional, comunitária ou hiperlocal, debruça-se sobre as especificidades e benefícios do jornalismo de proximidade, que “assume um significado próprio, marcante da sua especificidade e da sua identidade” (CAMPONEZ, 2011, p. 36). O interior é assinalado por Assis (2013) como um espaço com dimensões superiores as demarcações territoriais. Porções geográficas “[...] onde situações ocorrem segundo lógicas culturais e sociais próprias, constituídas com particularidades que a própria geografia condiciona (ASSIS, 2013b, p.3). Ainda, segundo a autor, o trabalho da imprensa do interior é uma possibilidade para as comunidades terem vez e voz, ao destacar que os acontecimentos regionais só ganham espaços na grande mídia quando são de ampla repercussão.

A realidade circunscrita a cada local, por essa concepção, deve ser o ponto de partida para a definição das pautas. Uma mídia com compromisso específico, que deve assumir um pacto comunicacional comprometido com a região e seus agentes (CAMPONEZ, 2002). Posicionamento semelhante é adotado por Peruzzo (2005, p.78), na percepção da mídia local como o instrumento que melhor pode retratar a vida de determinadas “regiões, municípios, cidades, vilas, bairros, zonas rurais etc.” A proximidade das informações, a vivência ou presença pessoal em algum acontecimento torna o contexto favorável para o público, com a possibilidade de confrontar as informações noticiadas.

Em dezembro de 2018 o jornal El País publicou na editoria de tecnologia uma matéria sobre imprensa local, com o título *La prensa local, antídoto contra la desinformación*. O texto aborda algumas constatações sobre a desertificação gradual da informação local nos Estados unidos, um estudo realizado pelo Centro de Inovação e Sustentabilidade da Mídia Local, na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill. A pesquisa comprovou o

fechamento de aproximadamente 1.800 meios de comunicação locais nos EUA, desde 2014. Entre as inúmeras consequências acarretadas por esses fatos está o panorama de desinformação, logo, segundo as análises do relatório "En una era de noticias falsas y de la política de la división, el destino de las comunidades de todo el país y de la propia democracia está ligado a la vitalidad del periodismo local"<sup>4</sup>.

As reflexões também sugerem favorecimento da cidadania por meio da mídia local. Conforme situa Melo (2005), os jornais do interior estão mais receptivos às demandas comunitárias, são veículos capazes de fortalecer a cidadania. Peruzzo (2005, p.81) compreende a informação de proximidade como a veiculação de acontecimentos orgânicos a uma determinada localidade e a capacidade dos meios de “[...] ouvir e externar os diferentes pontos de vista, principalmente a partir dos cidadãos, das organizações e dos diferentes segmentos sociais”. Ainda, conforme a autora, uma mídia de proximidade tem vínculos de pertença, pelo “[...] compromisso com o lugar e com a informação de qualidade e não apenas com as forças políticas e econômicas no exercício do poder (PERUZZO, 2005, p. 81).

Em suas incursões investigativas Beatriz Dornelles (2004), tendo o Rio Grande do Sul como universo de pesquisa, apresenta contribuições em torno das pesquisas sobre a imprensa do interior. A pesquisadora concebe o jornalismo de interior caracterizado mais por aspectos comportamentais do que estruturais, ao perceber relações comunitárias entre os veículos e a audiência, pelos laços do coletivismo, solidariedade e vizinhança. Outra constatação de Dornelles (2004) foi a utilização das publicações dos jornais como prova das problemáticas locais, usadas pelo público para cobrar soluções dos prefeitos.

Não se pode ignorar que a imprensa do interior possui fragilidades e desafios, entre elas a utilização excessivamente de releases, a cópia de informações em detrimento de uma ampla cobertura e apuração dos acontecimentos, poucos profissionais atuando, existem relações políticas e política partidária, entre outras efemeridades, que comprometem o jornalismo de proximidade. Mas o artigo, longe de pretender ser utópico, restringe as ponderações teóricas quanto as contribuições do rádio para as localidades em que está inserido.

---

<sup>4</sup> Tradução nossa: "Em uma era de notícias falsas e política de divisão, o destino das comunidades em todo o país e da própria democracia está ligado à vitalidade do jornalismo local." Disponível em: [https://elpais.com/tecnologia/2018/12/04/actualidad/1543939208\\_742496.html?fbclid=IwAR35AO30PCy3UgGHUcVlwXtVCUswdc-MBP3MTHmZxCoO7AjVtZdZyWay9EY](https://elpais.com/tecnologia/2018/12/04/actualidad/1543939208_742496.html?fbclid=IwAR35AO30PCy3UgGHUcVlwXtVCUswdc-MBP3MTHmZxCoO7AjVtZdZyWay9EY). Acesso em: 15 mar. 2019.

## 2. RÁDIO COMO UM MEIO PARA A COMUNICAÇÃO LOCAL

No panorama contemporâneo da comunicação, da chamada era virtual, sem fronteiras e da globalização, o rádio, inclusive o centenário veículo de antena, ainda se constitui como um dos meios mais populares, de maior alcance de público e abrangência geográfica, além de permanecer como um dos mais apropriados à produção e emissão de informação jornalística. Este seu sentido de permanência cada vez maior manifesta-se tanto nos grandes centros urbanos como em regiões interioranas do Brasil.

O teórico latinoamericano Mario Kaplún (2017), conscientiza que o rádio supera a noção de um mero veículo ou canal de transmissão dócil e submisso. Pela natureza do meio, especificidades e potencialidades não basta apenas emitir mensagens sem nenhuma reflexão ou preparação, é essencial “saber como dizê-lo através do rádio para sermos ouvidos, atendidos e entendidos” (KAPLÚN, p. 49, 2017). Na latino-americano, segundo o autor, boa parte da população tem o rádio como principal ou única fonte de informação.

Para o teórico, usar o meio radiofônico é uma técnica e uma arte, com potenciais educativos e culturais para servir a população. Denominado por alguns estudiosos como um meio cego, conforme Kaplún (2017), o rádio é sugestão, pois tem a capacidade de superar o olhar pelo órgão da visão e se tornar infinita pela capacidade de imaginar o radialista, o estúdio das emissoras, as cenas dos acontecimentos narrados, os entrevistados, entre outras imagens. Um meio que estabelece um diálogo de sensações posto entre falar e ouvir (BRECHT, 2005), (MCLEISH, 2001), (CITELLI, 2006).

A enunciação em tempo real nesse meio demarca a linguagem de um contexto temporal partilhado entre emissor e receptor, “uma composição sonora invisível da palavra, música, ruído e silêncio, enunciada em tempo real” (Meditsch, 1999, 127). Na percepção de Marchamalo e Ortiz (2005), combinados ou isolados esses elementos, constituem os programas radiofônicos, estabelecem identidades, definem o público e são utilizados, de acordo com a intenção de cada emissor. Em vias a essas características, o meio radiofônico pode proporcionar uma comunicação afetiva, empatia e elementos de identidade com os ouvintes. Para o poeta, dramaturgo e teórico alemão Bertolt Brecht (2005) interessava que o rádio cumprisse a missão de “fazer interessantes os interesses”, ter uma função social.

---

O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de comunicação. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele. A radiodifusão deveria, conseqüentemente, afastar-se dos que a abastecem e constituir os radiouvintes como abastecedores. Portanto, todos os esforços da radiodifusão em realmente conferir, aos assuntos públicos, o caráter de coisa pública são totalmente positivos. (BRECHT, 2005, p. 42)

Brecht (2005) foi um dos primeiros estudiosos a verificar as potencialidades do rádio e “reivindicar” a utilização democrática do meio, em que os radiouvintes também cumpram a função de “abastecedores”, possam ouvir e ser ouvidos.

Moldadas e aperfeiçoadas de acordo com o desenvolvimento tecnológico, as características desse meio de comunicação o tornam essencialmente local. Barbosa (2003) ressalta a intimidade que o rádio tem de falar para cada indivíduo, o regionalismo, a simplicidade do veículo, sua função social e comunitária, quando atua na condição de agente de informação e formação do coletivo. A linguagem oral permite o acesso do público analfabeto, diferente dos meios impressos. O baixo custo, comparado com outros meios, admite que uma parcela significativa da população possa ter acesso a ele.

Uma localidade pode contar as transmissões de uma emissora radiofônica com frequência FM, AM, Educativa, Comunitária, rádio poste, entre outras modalidades/modulação. Neste artigo destaca-se o trabalho dessas duas últimas modalidades na veiculação de mensagens locais e como possíveis colaboradoras para o desenvolvimento dos territórios dos quais fazem parte.

## 2.1 RÁDIOS COMUNITÁRIAS

A radiodifusão comunitária é um importante meio para contribuir com o local, seja um bairro ou uma cidade geograficamente pequena. Pressupõe que aos cidadãos exercerem seus direitos à comunicação, na produção de conteúdos plurais com a participação da comunidade no processo produtivo, fazendo publicizar aquilo que é expressão do interesse público. Para Peruzzo (2006, p. 189), a emissora precisa ser “[...] o canal de comunicação nas mãos do ‘povo’ para que as pessoas possam ecoar suas diferentes vozes e participar de todo o processo de fazer rádio”.

---

A Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC), uma organização não governamental internacional, desde 1983 atua a favor da democratização da palavra, sociedade e cultura, no apoio de iniciativas de comunicação comunitária radiofônica. A AMARC amplia o conceito de rádio comunitária e abre um leque de possibilidades para garantir a existência desse sistema de comunicação.

Rádios comunitárias, cidadãs, populares, educativas, livres, participativas, rurais, associativas, alternativas... Distintos nomes e um mesmo desafio: democratizar a palavra para democratizar a sociedade. Grandes ou pequenas, com muita ou pouca potência, com autorização ou sem ela, as rádios comunitárias não fazem referência a um “lugarejo”, mas sim a um espaço de interesses compartilhados.<sup>5</sup>

Interesses compartilhados é o que deve prevalecer independente de ser legalizada ou não, simples ou com uma estrutura melhor. Em diversas cidades brasileiras o único meio de comunicação com informação da localidade é uma emissora radiofônica, e várias não dispõe de outorga para funcionamento. Um instrumento comunitário colabora no fortalecimento local, a comunidade organizada gera força social. O termo comunidade é permeado de simbolismos e vai além da representação de um espaço físico, pois “Desenvolver a comunidade significava lutar pela igualdade de direitos sociais, lutar pelo acesso e implantação de serviços de creche, escolas, postos de saúde, transportes, lazer e cultura etc” (GOHN, 2005, p. 21). Esses vínculos de solidariedade e mobilização social que pressupõe o trabalho de uma rádio comunitária favorece a existência de webrádios comunitárias.

Comunicação comunitária e comunidade, segundo Peruzzo (2011, p. 25), estão ligadas pela “mística em torno da justiça social”, a fim de que todos possam ter “dignidade e seus direitos de cidadania respeitados”. Portanto, além de colaborar no desenvolvimento local, um veículo comunitário também pode contribuir na formação da consciência crítica dos cidadãos, ampliação da cidadania e opinião pública associada a realidade (NUNES, 2007). As emissoras também são capazes de desenvolver um trabalho de educação informal e não-formal para qualificar a comunidade.

Há evidências concretas em várias experiências de que ao se envolver na dinâmica radiofônica a pessoa se desenvolve, aprende a falar em público, a externar conhecimentos, dons e criações artísticas, a

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://amarcbrasil.org/conceito/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

---

compreender melhor o jogo de interesses internos e externos a que a mídia está sujeita. (PERUZZO, 2006, p. 190)

Paulo Freire (1983) defendia a tomada de consciência dos homens enquanto detentores de suas culturas e com capacidades para traçarem suas próprias histórias, sair da condição de oprimidos. Assim como a educação colabora na prática para a liberdade do indivíduo, a atuação de uma rádio comunitária também pode ser libertadora para uma localidade.

## 2.2 RÁDIOS POSTE

As apropriações no meio radiofônico advindas da utilização da internet não extinguiram a atuação das rádios poste. Esse sistema de comunicação local, por vezes se restringe a uma rua, quadra ou bairro. Funciona por meio de alto-falantes instalados em alguns pontos com linhas moduladas, para uma transmissão de curto alcance, fácil manuseio e baixo custo. No Brasil o rádio poste não faz parte da legislação, a liberação de seu funcionamento é de responsabilidade dos municípios. No Maranhão, em 2018, o governo estadual sancionou a lei para regulamentar o serviço de Publicidade Alternativa de Linha Modulada.

Essas características favorecem a utilização desse sistema pelas comunidades da zona urbana e rural e movimentos sociais com diversas concepções, atuado como uma comunicação popular “[...] pois devido às dificuldades econômicas, políticas, burocráticas e técnicas, dificilmente estes setores teriam acesso aos meios massivos de comunicação” (Uribe, 1999, p.5). Porém, geralmente as rádios poste são utilizadas para publicidade, na divulgação de produtos ou pequenos negócios; por políticos durante as campanhas eleitorais; ou como instrumento de evangelização pelas igrejas. As pesquisadoras peruanas Magali Noriega e Helena Pinilla (1984) verificaram que esse sistema de radiodifusão costuma ser instalado em locais comunitários, paróquias, escolas, praças, mercados, vilas e favelas.

Neuberger (2012, p. 117), ressalta a importância dessa forma de comunicação para a valorização da cultura local e o desenvolvimento do Brasil. Uma rádio poste, se utilizada como meio democrático, pode ser um espaço para discutir os interesses dos moradores, com uma comunicação horizontal. Uribe (1999) conferiu usos do instrumento para

---

atividades recreativas, promoção de festivais, entrevistas com moradores, envio de cumprimentos, divulgação dos trabalhos dos artistas locais, entre outras ações.

Como rádio popular, o sistema tem sido utilizado por organizações populares para informar sobre diversos aspectos e atividades locais, para motivar e convocar a população a reuniões e assembleias comunitárias, para promover debates sobre temas de interesse para o setor, para animar à participação, para mobilizar as comunidades nos trabalhos comunitários e na solução de problemas, para apoiar campanhas de educação e saúde. Nestas se utiliza o sistema para informar sobre programas sanitários, vacinação, ensinar à população a combater enfermidades, recomendar medidas de higiene, divulgar campanhas de limpeza e saneamento ambiental, organizar mutirões; os temas abordados dependem das necessidades de cada zona. (Uribe, 1999, p. 4)

A autora, no final da década de 1980, verificou a experiência de rádio popular da Vila Nossa Senhora Aparecida, situada na Zona Leste de São Paulo. A iniciativa para a utilização dos alto-falantes partiu do grupo de alfabetização popular de adultos, da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, que utilizavam o método de Paulo Freire para alfabetizar pequenos grupos de pessoas. Na época, a programação da rádio partia das necessidades locais, com o objetivo de formar, motivar e animar a vila. Os conteúdos eram diversos - saúde, educação, esporte, cultura, avisos das comunidades, convites (reuniões, campanhas, festas, etc) - entre outros (Uribe, ANO).

Com aproximadamente 15 caixas de som, colocadas em postes, desde 1993 funciona a rádio poste Centro de Comunicação Alternativa, localizada no bairro Aldeota, em Fortaleza, no estado do Ceará. A emissora surgiu da demanda da associação de moradores para se comunicar com os residentes da quadra que compõe o Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo. Ribeiro (2016, p.49) destaca que o bairro onde está situado o sistema de alto-falante é também onde estão os principais veículos de comunicação do Estado do Ceará, e esses veículos marginalizam os moradores da quadra ao divulgarem o local como um espaço perigoso.

Enquanto o morador assustado do entorno envia um e-mail e faz uma denúncia ao jornal, reclamando da violência na esquina da rua Beni de Carvalho e avenida Virgílio Távora, o morador da Quadra bate na porta da rádio comunitária para fazer um apelo e pedir ajuda para algum vizinho que está precisando de algo. (RIBEIRO, 2016, p.50)

Excluídos pela grande mídia localizada no “quintal” da quadra, os jovens criadores da rádio perceberam a necessidade de um veículo de comunicação alternativo aqueles que os criminalizavam sem conhecerem suas realidades e não os ouvirem. Durante 22 anos a emissora já transmitiu programas de esporte, saúde, jovens, entre outros estilos. *Recordar é Viver* é um dos programas mais antigos, veiculado todos os domingos, das 9h30 às 11h. Uma programação destinada para os moradores,

Semelhante, a rádio poste Caema, localizada na cidade de Imperatriz, no Maranhão, desenvolve um trabalho comunitário, com programação jornalística em prol da comunidade. Em 2013 o Programa Caema Ambiental, do Instituto de Projetos Educativos e Socioambientais (PES) instalou dez alto-falantes presos a postes de iluminação pública no bairro da Caema. A estrutura física da rádio foi montada em uma sala atrás da igreja católica São Sebastião, inicialmente o microfone da rádio era utilizado esporadicamente para avisos referentes a igreja.

No segundo semestre de 2014, os estagiários da disciplina de Radiojornalismo do curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), com o apoio da comunidade, professores e demais alunos da disciplina, desenvolveram um projeto para produzir semanalmente um programa radiojornalístico para a rádio. A rádio poste Caema passou a atuar com um discurso plural na discussão dos assuntos do bairro (BRITO, 2017). Vale ressaltar, que as crianças estão sempre presentes no estúdio da emissora, levam recados dos pais e vizinhos e fazem leituras. É um espaço aberto para todos do bairro da Caema.

A rádio poste Caema e as demais citadas são exemplos da possibilidade de uma comunicação alternativa a mídia hegemônica, com um trabalho de colaboração para a formação cultural, transmissão de informações e espaço para todas as vozes.

### **3. A COBERTURA RADIOJORNALISMO EM UMA LOCALIDADE**

A pesquisa elaborada pelo Kantar Ibope, de 2018, apresentada pelo “Book de Rádio”<sup>6</sup>, indicou que mais da metade da população brasileira, 53%, acompanha a programação radiofônica regularmente. Diante da descrença do jornalismo gerada pelas *fake News*, o radiojornalismo ganha protagonismo. Destaca-se entre os resultados a

---

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2018/09/Book-de-R%C3%A1dio-2018\\_Final.pdf](https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2018/09/Book-de-R%C3%A1dio-2018_Final.pdf). Acesso em: 27 mar. 2019.

relação de confiança com o jornalismo veiculado nesse meio, 78% dos ouvintes consideram as notícias radiofônicas dos programas e boletins de rádio confiáveis; 83% qualificam como informações mais fáceis de entender, se comparadas a outros meios; 74% reconhecem que as coberturas oferecem comentários e análises com profundidade.

A informação transmitida via rádio exerce grande importância para uma localidade, especialmente quando pode operar contribuições ao oportunizar momentos para discutir os interesses da comunidade. Para Chantler e Harris (1998, p. 21) as “[...] notícias obtidas na esquina são tão ou mais importantes do que as recebidas de outras partes do mundo”. As esferas discursivas geralmente são pautadas a partir de interesses que estão distantes dos bairros periféricos e cidades interioranas. A mídia nacional centraliza suas notícias no eixo Rio-São Paulo.

A reflexão aqui levantada não é uma contraposição ao global. Comassetto (2007) pondera a relevância de alguns fatos globais serem de maior interesse público do que os locais, mas a diferença é que eles recebem amplas coberturas pelas mídias hegemônicas. A partir desse entendimento, Chantler e Harris (1998, p. 21) avaliam que o radiojornalismo é o diferencial e a força em uma emissora local.

A força do jornalismo numa emissora local é o instrumento que dá a ela a sensação de ser verdadeiramente local. Estações de rádio locais que querem atingir grande audiência e ignoram o jornalismo correm riscos. Num mercado cada vez mais disputado, o jornalismo é uma das poucas coisas que distinguem as emissoras locais de todas as outras. (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 21)

Assis (2013a) explica esta concepção a partir das ideias de proximidade, pertencimento, comunidade, entre outros fatores. Comassetto (2007, p. 70) observa que, nos programas jornalísticos do rádio contemporâneo, a informação jornalística tem dividido espaço com informações diversas que ganham o *status* de notícia, um fator excludente dos conteúdos mais relevantes para o interesse público ou ainda desvia a atenção dos ouvintes.

Durante a pesquisa de mestrado realizada por esta autora, *Panorama do radiojornalismo nas emissoras radiofônicas do Sul do Maranhão – mapeamento, rotinas produtivas e produtos jornalísticos com as emissoras radiofônicas Sulmaranhenses*, verificou que a realidade encontrada nos veículos de comunicação localizados no Sul do Maranhão é alheia à grande mídia, são instalações simples, com poucos profissionais

atuando e um número irrisório de jornalistas graduados, mas são frequentes as ligações e mensagens dos moradores em busca de informações e reclamações sobre a falta de água no bairro, a iluminação pública, assaltos, índices de violência, ou seja, o trabalho das rádios “[...] colabora para denúncias quanto às problemáticas sociais, a veiculação de informações de maneira geral e ainda atuam como lugares de referência para a população recorrer diante dos problemas que lhe afligem [...]” (BRITO, 2017, 302). No entanto, a análise do conteúdo de sete programas radiofônicos indica o quantitativo de 39% de notícias nacionais, 26% estaduais, 19% locais, 12% regionais e 4% internacionais.

A Rede Globo e o Fantástico não vai dar notícia dos presos da delegacia de Grajaú, o Fantástico não vai mandar ninguém aqui, nem o Jornal Nacional, aqui tem eu o “Rádio Notícias”, é importante porque é notícia da comunidade, é o que eles querem ver. Os terroristas que foram pegos ontem eles vão ver falar no Jornal Nacional, eles não vão ver o Rei das Onze falando dos terroristas, agora se mataram um bandido na Vilinha corre no Reis das Onze que ele sabe que o Jornal Nacional não vai dar essa notícia, o Rádio Notícia é a prata da casa. (RAIMUNDO NONATO In: BRITO, 2017, p. 274)

A narrativa do apresentador do programa *Rádio Notícias*, da emissora Aliança, localizada na cidade de Grajaú, Maranhão, representa na prática a proeminência do jornalismo local no meio radiofônico. Geralmente o público tem grande empatia com as emissoras e os profissionais. Santos (2004) verificou que socialmente é atribuído um poder aos locutores, estabelecendo, quase sempre, uma representação de respeito e confiança. Um fator favorável a credibilidade das notícias divulgadas, os radialistas se tornam “[...] pontos de referência e de estabilidade para seus ouvintes, dando-lhes a sensação de que fazem parte de um lugar, de uma comunidade” (ALBUQUERQUE, 2014 p.130).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A segunda fase do projeto Atlas da notícia apresenta constatações relevantes para analisar a situação do jornalismo Brasileiro. Desde 2001, 81 veículos jornalísticos foram fechados, vários municípios vivem em quase desertos de notícias com um ou dois meios de comunicação local e 30 milhões de brasileiros vivem em desertos de notícias. Pessoas sem orientações para se movimentarem diariamente, ausentes das discussões nacionais. Fatores favoráveis para a permanência dos mesmos debates na esfera pública, diante da

atuação de uma mídia hegemônica que centraliza determinadas informações e silencia tantas outras.

Nesse cenário, a atuação da mídia local é um dos mecanismos para minimizar a desinformação e as *fake news*. O cotidiano e a cobertura dos fatos ocorridos distantes dos grandes centros urbanos, geralmente não ganham espaços nas produções da mídia nacional. A vida das comunidades pode ser melhor representada pela mídia interiorana, por meio do jornalismo de proximidade que incorpore elementos da cultura local e proporcione espaços para as discussões dos interesses das localidades.

As especificidades do meio radiofônico contribuem para o rádio está em primeiro lugar quanto ao número de veículos em funcionamento nos municípios brasileiros, segundo os dados registados no Atlas da notícia. Um aspecto que torna a mídia sonora ainda mais relevante para as comunidades, especialmente aquelas que dispõem somente de uma emissora radiofônica como veículo local.

A radiodifusão comunitária e o sistema de alto-falante, em suas essências, aproximam-se das discussões em torno da localidade e o direito à comunicação, tanto pela transmissão de conteúdos plurais, como pela oportunidade de participação da comunidade no processo produtivo. A atuação de uma gestão verdadeira voltada para o comunitário propicia a construção da opinião pública alinhada a uma perspectiva crítica quanto as problemáticas enfrentadas pelas localidades, além da conscientização quanto as relações de interesses das classes dominantes.

O radiojornalismo de proximidade é um item indispensável para uma rádio transmitir a percepção de ser verdadeiramente local, independe da modalidade da emissora (CHANTLER E HARRIS, 1998). Compreende-se que as relações de identidade e pertencimento relacionados com os territórios circunscritos é o diferencial e a força do rádio e radiojornalismo local.

As reflexões teóricas que percebemos necessárias para este artigo se estabelecem como o início de um estudo que terá o radiojornalismo local como um dos conceitos principais. Assim, se dará seguimento as leituras e posteriormente a uma pesquisa empírica, a fim de elaborar uma tese com contribuições para os estudos acadêmicos sobre o meio radiofônico e o jornalismo.

---

## REFERÊNCIAS

Albuquerque, Eliana Cristina Paula Tenório de. **Entre o global e o local: rádio e identidades culturais no sul da Bahia**. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

**Atlas da notícia**. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/atlas-da-noticia-2-0/30-dos-municipios-brasileiros-correm-o-risco-de- virar-desertos-de-noticias/>. Acesso em: 21 jan. 2019.

ASSIS, Francisco. Imprensa do interior: conceitos a entender, contextos a desvendar. In: ASSIS, Francisco de (Org.). **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013a.

\_\_\_\_\_. Por uma geografia da produção jornalística: a imprensa do interior. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM)**, 36º, 2013, Manaus. Anais eletrônicos, Manaus, Intercom, 2013b. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0810-2.pdf>>. Acessado em: 17 mar. 2019.

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio (1927 – 1932). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. MEDITSCH, Eduardo (org.). Florianópolis: Insular, 2005.

BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de. **Panorama do radiojornalismo nas emissoras radiofônicas do Sul do Maranhão** – mapeamento, rotinas produtivas e produtos jornalísticos. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional**. Coimbra: MinervaCoimbra, 2002.

CEREZO, Pepe. La prensa local, antídoto contra la desinformación. **El País**, 7 de dezembro de 2018. Disponível em: [https://elpais.com/tecnologia/2018/12/04/actualidad/1543939208\\_742496.html?fbclid=IwAR35AO30PCy3UgGHUcVlwXtVCUswdc-MBP3MTHmZxCoO7AjVtZdZyWay9EY](https://elpais.com/tecnologia/2018/12/04/actualidad/1543939208_742496.html?fbclid=IwAR35AO30PCy3UgGHUcVlwXtVCUswdc-MBP3MTHmZxCoO7AjVtZdZyWay9EY). Acesso em: 15 jan. 2019.

CITELLI, A. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

COMASSETTO, Leandro Ramires. **A voz da aldeia** – o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global. Florianópolis: Insular, 2007.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. Tradução Laurindo Lalo Leal Filho. São Paulo: Summus, 1998.

DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo "comunitário" em cidades do interior – uma radiografia das empresas jornalísticas: administração, comercialização, edição e opinião de leitores**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2004.

FERRARETTO, Luiz Artur. Roquette-Pinto e o ensino pelo rádio. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (Org.). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOHN, Maria da Glória. Comunidade: origens, ressignificações e articulações com o poder local no século XXI. In: SOUZA, Maria Antônia; COSTA, Lucia Cortes (Org.). **Sociedade e cidadania**: desafios para o século XXI. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2005.

KAPLÚN, Mario. **Produção de programas de rádio, do roteiro à direção**. Organizadores da tradução Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti. São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

MARCHAMALO, Jesus; ORTIZ, Miguel Angel. **Técnicas de Comunicação pelo Rádio**: a prática radiofônica. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEDITSCH, Eduardo. A nova era do rádio: discurso do radiojornalismo com produto intelectual eletrônico. IN: DEL BIANCO, Nélia e MOREIRA, Sonia V. (Org.). **Rádio no Brasil**: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro e Brasília: EdUERJ e Editora da UnB, 1999.

MELO, José Marques de. Os jornais do interior estão mais receptivos às demandas comunitárias. **Revista Eletrônica Temática**, 2005. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2005/29-Os%20jornais%20do%20interior%20est%20C3%A3o%20mais%20receptivos%20C3%A0s%20demandas%20.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MCLUHAN, Marshall. Rádio: o tambor tribal. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (Org.). **Teorias do Rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2008.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012.

NORIEGA, Magali; PINILLA, Helena. Parlantes: nueva experiencia peruana. **CHASQUI-Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 10, 1984. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/920/956>. Acesso em: 27 marc. 2019.

NUNES, Márcia Vidal. Rádios comunitárias: exercício da cidadania na estruturação dos movimentos sociais. In: PAIVA, Raquel (Org.) **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Participação nas Rádios Comunitárias no Brasil. In: XXI **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Recife-PE, 9 a 14 de setembro de 1998. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/peruzzo-cicilia-radio-comunitaria-br.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

\_\_\_\_\_. Rádios comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano. **Mídia cidadã, utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. In: BARBALHO, Alexandre; FUSER, Bruno; COGO, Denise (Org.). **Comunicação e cidadania**: questões contemporâneas. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2011.

---

RIBEIRO, Milena de Castro. **Rádio Poste da Quadra:** a participação dos moradores e as disputas sonoras em uma comunidade em Fortaleza - Dissertação (Mestrado em Comunicação), Fortaleza, 2016.

SANTOS, Maria Inês Detsi de Andrade. **Gênero e Comunicação:** o masculino e o feminino em programas populares de rádio. São Paulo: Annablume, 2004.

URUBI, Esmeralda Villegas. **Alto-falantes:** formas autônomas de expressão e de desenvolvimento local. Disponível em: [www.eca.usp.br/associa/alaic/Congreso1999/15gt/Esmeralda%20Villegas.rtf](http://www.eca.usp.br/associa/alaic/Congreso1999/15gt/Esmeralda%20Villegas.rtf). Acesso em: 20 jan. 2019.